

O PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO EM *AMMAIA* E OS SEUS MAIS RECENTES CONTRIBUTOS EPIGRÁFICOS¹

AMMAIA RESEARCH PROJECT AND ITS MOST RECENT CONTRIBUTIONS TO EPIGRAPHY

AMÍLCAR GUERRA²

RESUMO

Apresentam-se alguns resultados da investigação desenvolvida nos últimos anos no âmbito do projecto de intervenção na cidade romana de *Ammaia*, no que se refere especificamente à vertente epigráfica. Por um lado, dá-se conta do processo de revisão das epígrafes guardadas no da Fundação Cidade de *Ammaia*, em particular de algumas propostas novas de interpretação dos seus textos. Para além disso, actualiza-se a informação relativa aos mais recentes achados, resultantes especialmente das escavações realizadas no sítio desde 2013, mas também a que respeita a uma ara cuja existência era conhecida, mas que até há pouco permanecia inédita.

ABSTRACT

Some results of the research carried out in recent years in the Roman city of Ammaia, with specific reference to the inscriptions, are presented. Firstly, the outcomes of the analysis and research on the inscriptions exhibited in the Museum of the City of Ammaia Foundation are offered, in particular some new proposals for the interpretation of these epigraphic texts. In addition, is also updated the information on the most recent findings resulting from the excavations carried out on the site since 2013, but also on an ara whose existence was known, but whose text remained unpublished until recently.

PALAVRAS CHAVE: Inscrições romanas; onomástica; religião romana; Mercúrio Augusto; *forum* de *Ammaia*.

KEYWORDS: Roman inscriptions; personal names; Roman religion; Mercurius Augustus; Ammaia forum.

(1) Este contributo sintetiza uma parte da informação recentemente publicada (GUERRA, Amílcar, *Os contrastes sociais e culturais numa cidade romana provincial: um olhar sobre as inscrições de Ammaia*. Marvão, 2018) e a que se encontra em vias de publicação no *Ficheiro Epigráfico*. Agradeço a João Aires uma parte das fotos das inscrições que aqui se apresentam.

(2) ORCID-0000-0003-3478-0036 - UNIARQ e Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, P-1600-214 Lisboa, aguerra@campus.ul.pt.

O PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

Cerca de vinte anos após o início de escavações na cidade romana de *Ammaia* e de um profícuo projecto de prospecção geofísica no sítio, iniciou-se em 2013 uma nova fase da investigação, na qual se integrou também a Universidade de Lisboa e em particular o seu Centro de Arqueologia (UNIARQ). Actualmente, quando já se completaram cinco campanhas de escavação, realizadas no contexto da Escola de Verão Cidade Romana de *Ammaia*, os resultados são já substanciais em diferentes domínios.

No momento em que os trabalhos decorrem sob o signo da colaboração internacional, graças à associação do Museo Nacional de Arte Romano ao projecto, faz todo o sentido divulgar os resultados de uma parte dessa investigação na revista desta instituição que tanta atenção tem dado às questões histórico-arqueológicas que respeitam especialmente à Lusitânia. Esta interacção, que tem como eixo estruturante uma análise cada vez mais rigorosa e abrangente das realidades históricas e arqueológicas da província, está subjacente a este trabalho, no sentido em que um conhecimento mais profundo de cada uma das comunidades políticas ou unidades territoriais e das suas especificidades constitui uma forma de participar nessa tarefa de escrever uma história da Lusitânia romana mais rica e informada.

Para além dos trabalhos de escavação e de restauro de materiais e estruturas, a equipa preocupou-se igualmente com outras vertentes, entre elas a epigráfica, complemento essencial para a compreensão da dinâmica desse núcleo urbano. O objectivo deste contributo reside precisamente em proporcionar uma breve síntese sobre os resultados da actividade desenvolvida neste último domínio, a qual se pode subdividir em duas componentes: a re-análise dos documentos epigráficos já conhecidos; e a apresentação das descobertas mais recentes, constituídas por novas inscrições.

1. A RE-ANÁLISE DAS EPÍGRAFES CONHECIDAS

O conjunto epigráfico amaiense é constituído maioritariamente por monumentos que utilizam como suporte o granito, uma matéria prima muito abundante na região. Esta circunstância induz, como se tem reiteradamente sublinhado, problemas acrescidos na leitura de algumas epígrafes, especialmente aquelas que, ao longo do tempo, se conservaram em condições adversas. Para além disso, algumas, conhecidas por leituras muito antigas ou problemáticas, foram dadas como perdidas e só recentemente reapareceram, circunstância que permitiu a autópsia do monumento. Mesmo quando o seu texto tinha se apresentava algo afectado, a possibilidade de observação do monumento revelou-se de grande utilidade.

Deste modo, apresenta-se aqui o resultado dessa tarefa, dela decorrendo uma proposta de alteração das transcrições de quatro dos textos epigráficos que actualmente se conservam no Museu da Cidade de *Ammaia*. Ao mesmo tempo, achou-se conveniente tomar posição sobre algumas leituras e interpretações de inscrições que têm suscitado dúvidas e sobre as quais não existe consenso entre os investigadores. Esta operação realizou-se em condições particularmente favoráveis,

porque se dispôs de tempo, excelentes condições para a observação, podendo movimentar os monumentos, iluminá-los com luz em diferentes posições e recorrer, em alguns casos, ao Modelo de Resíduo Morfológico (MRM)³, desenvolvido por Hugo Pires, a quem dirigimos o mais profundo agradecimento e exprimimos o reconhecimento pela qualidade do trabalho e pelo alcance do seu contributo generoso para a investigação em Epigrafia.

1.1. Ara a Júpiter, dedicada por Tito Cântrio Quieto (v. Figs. 1).

O estado de conservação do texto apresenta uma situação contrastante: enquanto a invocação a Júpiter Ótimo Máximo demonstra grande clareza, a lição do nome de dedicante suscita muitas dúvidas, que se reflectem nas divergências da edição deste texto, patentes em especial na terceira linha. Eugénio Jalhay tinha considerado que aí se deveria ler *Sol(utorius)*⁴, seguido do gentílico *Iul(ius)*. José d’Encarnação, no entanto, observou justamente⁵ que não era habitual que esse epíteto fosse precedido de *O(ptimus) M(aximus)*, tendo interpretado essa sequência como *T(itus) Cateius*. Anotou, além disso, que era possível a existência de um nexos NT na gravação



Fig. 1. Ara de Tito Cântrio Quieto a Júpiter (J. Aires).

correspondente ao *nomen gentilicium*. Estabeleceu, por fim, que na quarta linha se deveria corrigir a leitura *Quintus*, de Jalhay, para *Quietus*. Em consequência da recente análise do monumento, constatou-se que as duas últimas propostas de J. d’Encarnação se revelavam plenamente acertadas, o que implicaria a revisão da primeira. Deste modo, reanalisando-se o *nomen* desta personagem, propõe-se a interpretação seguinte:

Iovi / O(ptimo) M(aximo) / T(itus) Cântrius / Quietus

“Tito Cântrio Quieto a Júpiter Ótimo Máximo”.

Como se comentou anteriormente⁶, *Cateius* revela-se um antropónimo bastante raro, nunca antes documentado como gentílico e de raríssima atestação como nome único / cognome. Por seu lado, embora o gentílico *Cantrius* se registre na Hispânia pela primeira vez⁷, está bem documentado na Itália meridional. Pertence a uma *gens* atestada

(3) V. especialmente PIRES, Hugo *et alii*, “Morphological Residual Model: A New Tool For Enhancing Epigraphic Reading of Highly Eroded Surfaces”, em ORLANDI, Silvia *et alii* (eds.), *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage: Proceedings of the First EAGLE International Conference*, Roma, págs. 133-144.

(4) JALHAY, Eugénio, “Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão)”, *Brotéria*, 45 (1947), págs. 619-620, n. 2.

(5) ENCARNÇÃO, José d’, *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra, 1984, pág. 679.

(6) GUERRA, *op. cit.*, 2018, págs. 33-36.

(7) O nome encontra-se, de qualquer modo, documentado na onomástica da Hispânia, em *Corduba*, sob a fórmula onomástica atípica de *Quartula Cantria* CIL II² 7,547.

particularmente na Campânia e na Hirpínia, em especial em *Aeclanum*, cidade cujos vestígios se localizam nas proximidades da actual Mirabella Eclano, Avelino⁸. Entre os mais destacados membros dessa *gens* sobrepõe um conjunto de flamínicas (como *Cantriae P. f. Longinae sacerdoti flam(inicae) div[ae] Iuliae Piae [A]u[gustae]*, que oferece cinquenta mil sestércios à *res publica*⁹) ou *Cantriae / P(ubli) f(iliae) / Paullae flam(inicae) divae / Augustae*¹⁰), membros das proeminentes famílias locais, e um magistrado dessa mesma cidade¹¹.

Este nome vem adicionar-se ao elenco de gentílios itálicos de atestação rara na Hispânia, aos que se prestou uma considerável atenção¹². Independentemente da maior ou menor pertinência da terminologia usada para definir esta realidade (“fósiles gentílios” ou “fósiles onomásticos”) a presença de vestígios da presença de colonos itálicos de diferentes origens ou de herdeiros dessa tradição onomástica, constitui um dos elementos essenciais para compreender as relações entre o mundo itálico e a Lusitânia. Neste caso particular interessa especialmente assinalar que os vestígios dessa presença de gente de origem itálica e dos seus sucessores ou dependentes são raros¹³ no território de *Ammaia*, pelo que este caso acaba por ter uma certa relevância.

1.2. Ara a Júpiter dedicada por Átia Máxima (v. Fig. 2).

O deficiente estado de conservação justifica que E. Jalhay¹⁴, o seu primeiro editor, tivesse apenas lido a primeira e terceira linhas da inscrição, identificando a divindade e o *cognomen* da dedicante. No processo de revisão de todo o material epigráfico do *conventus Pacensis*, José d'Encarnação¹⁵ acrescentou uma proposta para as linhas

(8) Para além disso, essa *gens* encontra-se atestada pelo menos em Roma (CIL VI 26036) e na Campânia, em Pompeios (CIL IV 9261; X 857d, esta última referente a um duúviro local) e Putéolos (CIL X 2780).

(9) CIL IX 1153

(10) CIL IX 1155

(11) *P(ublio) Cantrio P(ubli) f(ilio) Cor(nelia) Italo Ilvir(o) i(ure) d(icundo)* CIL IX 1152. Sobre estas proeminentes personagens v. CHELOTTI, Marcella, “I sacerdoti nella *Regio Secunda Augustea*: il flaminato”, em CEBEILLAC-GERVASONI, Mireille (ed.), *Les élites municipales de l'Italie péninsulaire de la mort de César à la mort de Domitien entre continuité et rupture*, Roma, págs. 124-129.

(12) NAVARRO CABALLERO, Milagros, “Notas sobre alguns gentílios romanos de Lusitania: una propuesta metodológica acerca de la emigración itálica”, *Sociedad y cultura en la Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional*, Mérida, 2000, págs. 281-297; uma lista mais actualizada em NAVARRO CABALLERO, Milagros *et alii*, “La onomástica greco-latina”, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida, 2003, pág. 409; mais recentemente, NAVARRO CABALLERO, Milagros, “L’émigration italique dans la Lusitanie côtière: une approche onomastique”, em CABALLOS RUFINO, Antonio; DEMOUGIN, Stéphanie, *Migrare: Formaton des élites dans l’Hispanie romaine*, Bordeaux, 2006, págs. 69-100; CADIOU, François & NAVARRO CABALLERO, Milagros, “Les origines d’une présence italienne en Lusitanie”, GORGES, J.- G. & NOGALES, T. (eds.), *Nassaince de la Lusitanie romaine. VII Table Ronde Internationale*, Toulouse – Mérida, 2010, págs. 253-292.

(13) Não pode, todavia, esquecer-se o caso particular dos vários *Carminii* atestados em âmbito amaiense, documentados numa inscrição da cidade em que se identificam duas personagens pertencentes a essa *gens* (*Car[m]inius [—] Cordus* e *C[arm]inius C[—]nu[s]*, IRCP 625) e numa do seu território, (*P(ublius) Carmi[ni]us Macer*, IRCP 637), habitualmente explicada pela estreita ligação que com *Ammaia* mantém *L. Calventius Vetus Carminius*, legado de Tibério na Lusitânia, que se atesta numa inscrição amaiense (IRCP 615). Seria originário de *Opitergium*, a actual Oderzo, na Venécia, onde está bem documentada a *gens Carminia* e um dos seus filhos seria *L. Carminius Lusitanicus*, também ele *consul suffectus*, no ano de 81 d. C. (PIR² C 434) v. RE 21, col. 1596; ALFÖLDY, Geza, *Fasti Hispanienses*, Wiesbaden, 1969, págs. 137-138; ENCARNÇÃO, *Nisa ao tempo dos romanos: a população e as suas crenças*, Nisa, 1988, pág. 16; MANTAS, Vasco G., “A sociedade luso-romana do município de Ammaia”, em *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, pág. 402; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, 2018, pág. 37. Sobre a onomástica desta personagem e a questão da transmissão por este do gentílico *Carminius* v. SALOMIES, Olli, *Adoptive and polyonymous nomenclature in the Roman Empire*, Helsinki, 1992, pág. 25. Note-se que, pela condição de legado do eventual transmissor deste nome, este caso diferencia-se da generalidade, em que não é possível propor uma ligação com uma figura concreta.

(14) JALHAY, *op. cit.*, 1947, págs. 622-623; AE 1950, 214.

(15) ENCARNÇÃO, José d’, “A religião romana não-oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Imperio”, *Memorias de Historia Antigua*, 5 (1981), págs. 19-31; ENCARNÇÃO, José d’, *op. cit.*, 1984, págs. 668-669, n. 605.



Fig. 2. Ara de Átia Máxima a Júpiter (J. Aires).

mais problemáticas, daí resultando a seguinte interpretação: *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / Aelia / Maxim/a Titul/i (filia) a(nimo) l[iben]/s v(otum) s(olvit)*. No entanto, a lição do gentílico foi corrigida por J. M. Garcia, o qual sugeriu *Attia*, ainda que “sob reserva”¹⁶, alteração que geralmente se aceitou. Numa nova interpretação, referida brevemente num trabalho de divulgação¹⁷ sobre *Ammaia* e retomada recentemente¹⁸, preconizei a seguinte leitura:

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / Attia / Maxima / Atti Vitālis f(ilia) /s(—) v(otum) s(olvit)

“Átia Máxima, filha de Átio Vital, pagou a sua promessa a Júpiter Ótimo Máximo”

Ao contrário do que acontece com *Titul(l)us*¹⁹ o nome *Vitalis* é relativamente abundante na Lusitânia, uma vez que se contam 25 atestações em toda a província, especialmente nas cidades vizinhas de *Ammaia*: seis em *Augusta Emerita* e cinco na *civitas Igaeditanorum*²⁰.

1.3. Monumento funerário de Gaio Júlio Végeto (v. Fig. 3),

Outra das inscrições em análise, correspondente a um monumento de que se dá primeira notícia no séc. XIX, foi “copiada e remetida à academia real das sciencias pelo seu presidente, o sr. duque de Lafões, em data de 26 de abril de 1797”, segundo informação que acompanha a publicação que dela se faz num trabalho atribuído a Gama Xaro²¹. Este erudito, uma figura proeminente da Sociedade Archeologica Lusitana, proporciona a seguinte leitura: *C(aio) Iul(io) Vecefo / flāmini pro/vincie Lusitānii Propinia / Stafra mari/to optimo*. Esse mesmo texto é recolhido por Jordão Maria Levy no seu repositório epigráfico²², o qual, no entanto, altera *Lusitanii*, forma que Xaro procurara justificar, para *Lusitānie*. Emílio Hubner²³, dada a raridade de alguns dos nomes, introduz algumas correcções e sugestões: para além da pertinente retificação do *nomen* do flāmine, o epigrafista alemão estranha a onomástica da mulher, sem qualquer paralelo na epigrafia, propondo a sua eventual interpretação

(16) GARCIA, José Manuel, *Religiões antigas de Portugal*, Lisboa, 1991, pág. 382, n. 272; HEP 4, 1994, 1076.

(17) PEREIRA, Gonçalo, “Ammaia”, *National Geographic* (ed. portuguesa), Julho 2015, págs. 86-87.

(18) GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, 2018, págs. 34, 36.

(19) Informação recolhida no Atlas Digital Onomástico da Península Ibérica Antigua - ADOPIA (<https://adopia.humanum.fr/es/atlas>, consultado no dia 05 /10/2018), registam-se 6 ocorrências, entre as quais se encontra esta, que deve ser eliminada.

(20) De acordo com os resultados que se apresentam no mesmo Atlas (<https://adopia.humanum.fr/es/atlas>, consultado no dia 05 /10/2018).

(21) [XARO, Manuel da Gama], “Inscrição 2.^a”, *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, 1 (1850), pág. 12.

(22) JORDÃO, Levy Maria, *Portugalliae inscriptiones romanas*, Lisboa, 1859, pág. 192, n. 426.

(23) Primeiramente em HÜBNER, Emil, “Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal”, *Monatsberichten der Königlich Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, August 1861, pág. 741 (versão portuguesa em *Notícias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871, pág. 21) e depois no CIL II, 160 e pág. 809.



Fig. 3. Epitáfio de Gaio Júlio Végeto (J. Aires).

como *Pro[cil]ia S[p. f.] Afra*. De qualquer modo, a sua transcrição, sem a proposta interpretativa, *C(aio) Iul(io) Vege[t]o / flamini pro/vincie Lusita[ni]a[e] Propinia / Staфра mari/to optimo* é, partir daí, a que geralmente se adopta²⁴.

Com o reaparecimento da peça, em 1999, em consequência da intervenção no edifício do Museu da cidade romana de *Ammaia* e nas suas imediações, constatou-se que a sua reutilização como degrau de escada tinha produzido um significativo desgaste numa parte do campo epigráfico, mas a outra parte conservava-se em bom estado, o que possibilitou a correcção da leitura anterior. Deste modo, foi possível verificar²⁵ que a sequência interpretada como o inusitado nome *Straφα* correspondia afinal a um normalíssimo *Severa*, que se

recolhe nas publicações subsequentes²⁶. Por fim, a observação do monumento no decurso da primeira Escola de Verão levou a uma proposta de alteração do *nomen* da dedicante, resultando, deste modo, o seguinte texto:

G(aio) Iul(io) Veget[o] / flamini p[ro]/vinci<a>e Lu[sita]/ni<a>e Probi[nia] / Severa m[ari]/to opti[mo]

“Probínia Severa dedica a seu excelente marido, Gaio Júlio Végeto, flâmine da província da Lusitânia”.

A nova lição²⁷ vem obrigar à exclusão do gentílico *Propinius /-ia* dos repositórios onomásticos, onde figurava como única atestação. É certo que também esta ocorrência de *Probinia* é única em toda a epigrafia latina, no entanto, o seu correspondente masculino encontra-se já documentado, ainda que se trate de um *nomen* muito raro. Ocorre numa inscrição da cidade de *Lambaesis* (CIL VIII 18065;

(24) JALHAY, *op. cit.*, págs. 626-627; ILER 5518; IRCP 617; RAP 536; RODRÍGUEZ CORTÉS, Juana & SALINAS DE FRÍAS, Manuel, “Las élites femeninas en la provincia romana de Lusitania”, *Studia Historica: Historia Antigua*, 18 (2000), págs. 248, 254.

(25) MANTAS, Vasco G., “Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão)”, *Au Jardin des Hespérides. Mélanges offerts à Alain Tranoy*, Poitiers, 2004, págs. 100-104, fig. 7.

(26) HEp 13, 1004; AE 2004, 709; ENCARNAÇÃO, José d’, “Das inscrições em foros da Lusitânia Ocidental”, em NOGALES BASARRATE, T. (ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana*, Mérida, 2009, pág. 125; NAVARRO CABALLERO, Milagros, “Las sacerdotisas hispanas y el matrimonio: una nueva propuesta para un debate antiguo”, *Salduie*, 13-14 (2013-14), pág. 157; SALINAS DE FRÍAS, Manuel; RODRÍGUEZ CORTÉS, Juana, “Prosopografía de Lusitania romana: *Flaminicae et feminae notabiles Lusitaniae*”, *Conimbriga* 55 (2016), pág. 238, n. 29; HEpOL 21249; EDCS-05500170.

(27) GUERRA, *op. cit.*, 2018, pág. 45.

AE 1937, 157; EDCS-24700812), onde se encontra estacionada em determinado momento a II cohorte da *legio III Augusta*, à qual pertence *Probinus Candidus*, um dos promotores de uma homenagem ao imperador Marco Aurélio, levada a cabo no ano de 162 d. C.

Este gentílico é um derivado de um *cognomen*, mais abundante, *Probinus / Probina*, de ampla atestação²⁸, em particular em fase tardo-romana, registando-se também no âmbito da epigrafia paleocristã. Ocorre por vezes em personalidades de elevado estatuto, documentando-se na onomástica dos cônsules ordinários, sempre em fase tardia: *Petronius Probinus* ascende ao cargo em 341; um homónimo seu em 489; *Anicius Probinus* exerce a magistratura em 395 d. C.

Em relação a esta epígrafe colocam-se igualmente alguns problemas de cronologia. Vasco Mantas considerou que esta inscrição se deveria atribuir aos “primeiros tempos do império” com base na onomástica²⁹. Como recentemente se sustentou³⁰, alguns elementos apontam para uma data mais avançada, tendo especialmente em conta a ocorrência de um processo de alteração da grafia do ditongo AE para E. Embora não seja possível situar no tempo esta modificação, deve notar-se que ela ocorre num monumento produzido numa oficina qualificada, onde se deveria respeitar a norma gráfica. Deste modo, esta divergência poderia significar que a evolução fonética de /ae/ se teria já consolidado e tendia a integrar-se mesmo nas camadas letradas. Para além disso, o antropónimo *Probinus*, -a ocorre predominantemente em época tardia, a partir da segunda metade do séc. II. Deste modo, creio que esse indicador poderia servir de referência à datação desta inscrição.

1.4. Epitáfio de um Cluniense³¹ (v. Fig. 4).

Na sequência dos mesmos trabalhos arqueológicos que levaram à (re)descoberta de alguns monumentos acima referidos, no ano de 1999, foi identificada uma epígrafe, então inédita, que correspondia ao epitáfio de mais um dos vários Clunienses que se fixaram em determinado momento nesta região. O bloco granítico encontrava-se, na altura, inserido numa estrutura de fornalha e, por essa razão, apresentava, numa parte, tonalidades rosadas e outros vestígios da acção do fogo, circunstância que não impede uma leitura geralmente fácil do seu texto. O facto de ao bloco ter sido retirada a sua parte superior, cortando uma das linhas da inscrição, criou, no entanto, especiais dificuldades à lição da epígrafe nesse ponto de fractura. A interpretação da epígrafe punha em evidência que esse segmento respeitava à sequência inicial do patronímico, sendo claro que o antropónimo do defunto se tinha perdido. Na *editio princeps* desta inscrição, Vasco Mantas leu *Tongesteri*, um antropónimo não registado até então em toda a epigrafia latina³². Como acontece por

(28) No entanto, a maioria das atestações diz respeito aos vários cônsules com esse nome, particularmente ao do ano 395, *Anicius Probinus*. Para além destas, registam-se pelo menos 26 ocorrências, de natureza variada, enquadrando-se 6 em documentos da epigrafia paleocristã e 3 delas correspondem a marcas de *sigillata*. Na Hispânia apenas ocorre uma *Probina Probi f.* (AE 1967, 172; ILER 3716), na vizinha *civitas Igaeditonorum*.

(29) MANTAS, Vasco G., *op. cit.*, 2000, pág. 402.

(30) GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, 2018, págs. 46-47.

(31) A inscrição foi dada a conhecer em MANTAS, Vasco G., *op. cit.*, 2004, págs. 97-100, fig. 5 (compilado em HEp13, 1003; AE 2004, 708)

(32) MANTAS, Vasco G., *op. cit.*, págs. 97-100.



Fig. 4. Lápide de um Cluniense (J. Aires).

vezes quando ocorre um *hapax*, constatou-se que a lição deste nome deveria ser corrigida, propondo-se a seguinte interpretação da epígrafe:

———/ *Louges/teri f(ilius?)
Clun(iensis) / an(norum) XXX / h(ic)
s(itus?) e(st).*

Aqui jaz (——), filho de Lougestero, natural de Clúnia, de 30 anos.

É certo que este antropónimo se encontra pouco representado, mas já se atesta na onomástica indígena da região de onde migrou este indivíduo. De facto, o nome pessoal em causa, que apenas se regista na condição do patronímico *Lougesteri*³³, encontra-se documentado numa inscrição de Pozalmuro³⁴ (Soria), lugar que dista pouco mais de uma centena de quilómetros de *Clunia*. Acresce que nessa área, onde é frequente identificarem-se as pessoas pela referência a uma unidade familiar, ocorre a sequência *LOVGESTERICO*, numa epígrafe de S. Juan del Monte (Burgos)³⁵.

Não subsiste, por isso, qualquer dúvida sobre a particular ligação deste antropónimo com a região cluniense.

1.5. A ara a Toga³⁶ (Fig. 5)

Desta ara, proveniente do território amaiense, do sítio de Barretos (Santo António das Areias, Marvão), deu Eugénio Jalhay uma primeira leitura³⁷, a qual se tem reproduzido em quase todas as publicações, apesar das dúvidas que se levantaram em relação à forma do teónimo, então transcrito como *Togae Al/mae*. José

(33) Normalmente tem-se assumido que o seu nominativo seria *Lougesterus*, ainda que, pelo menos teoricamente, também fosse possível a forma *Lougesterius*.

(34) *Lougesteri / Caranicum / monument[um]* - ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel & GIMENO PASCUAL, Helena, *Epigrafía Hispánica. Real Academia de la Historia: Catálogos del Gabinete de Antigüedades*, Madrid, 2000, pág. 232, n. 423a = HEP 10, 2000, 589, onde se propõe uma alteração da leitura tradicional: *Lougesteri/c(o) aram cum / monument(o)* (CIL II 5797; ERPSo 25).

(35) *Secio Lougestericus / Aionis f(ilio) Atto frate(r) / et Caeno f(ecerunt) d(e) s(uo)*, segundo RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel E., "Epigrafía latina y relaciones de parentesco en la región celtibérica: Nuevas propuestas", em *Epigrafía sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: Estructuras y relaciones sociales*. Madrid, 2003, págs. 21-22 (HEP 13, 2003/2004, 202), considerando justamente preferível que a unidade familiar se exprimisse aqui por uma formação adjectival derivada, em vez do mais frequente genitivo do plural, contrariando a interpretação tradicional, *Lougestericus(n)* - ERClu 81; CIRPBu 130; HEP 2, 1990, 141; ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel & GIMENO PASCUAL, Helena, *op. cit.*, pág. 232.

(36) CIL II 801; JALHAY, *op. cit.*, 1947, págs. 623-624; AE 1950, 215; IRCP 611; MANTAS, Vasco G., "Libertos e Escravos na Cidade Luso-Romana de Ammaia", *Ibn Maruán*, 12 (2002), págs. 56-57, n. 3; HEP 11, 698; BÚA, *op. cit.*, 2000, p. 515; GUERRA, *op. cit.*, 2018, pág. 22.

(37) JALHAY, *op. cit.*, 1947, 623-624, n. 6.



Fig. 5. A ara de Novela a Toga (J. Aires).

d'Encarnação³⁸, aceitando essa lição, colocara, todavia, a possibilidade de ocorrer na segunda linha a sequência ENE, de onde resultaria a invocação *Togae Alene*, por ele afastada, devido aos problemas de interpretação que colocaria.

Carlos Búa³⁹, revendo as inscrições votivas do Ocidente hispânico, contrapôs a lição *Alene(n)s(i)*, adoptada a partir daí em alguns casos⁴⁰, mas que continuou a ser preterida em outros⁴¹. Ainda que fosse apresentada pelo próprio autor desta proposta como uma possibilidade que exigia uma observação mais atenta, ela revela-se ajustada. Algumas fotos podem suscitar a hipótese da eventual existência de um nexa NA na segunda linha, mas esta revela-se pouco provável. Deste modo,

deve considerar-se preferível a leitura já proposta por Carlos Búa:

Togae Al/ene(n)s(i) No/vela Ân/niâe lib/erta / v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)

A existência conjectural de um referido nexa é problemática e, para além disso, revela-se pouco viável do ponto de vista onomástico, uma vez que não encontra qualquer paralelo no repositório actualmente conhecido. A lição *Alene(n)s(i)*, ao contrário, dispõe de algum apoio linguístico, ocorrendo o mais pertinente numa inscrição amaiense também analisada neste texto, dedicada a um Génio local (v. *supra* 1.2). Nesta inscrição, o dedicante identifica-se como *Aleinius*, um nome sem paralelo na antroponímia, mas que pode justamente pôr-se em relação com um conjunto muito variado de nomes em *Al(l)-*, bem documentado na antroponímia indígena da Lusitânia⁴². Tanto *Aleinius* como *Alene(n)s(is)* se poderiam considerar derivados de **Ale(i)nus*, admitindo a existência de uma alternância fonética equivalente à que se verifica em antropónimos hispânicos como *Dobitenus*, *-a* / *Dobiteinus*, *-a*; *Malgenus*, *-a* / *Malgeinus*, *-a*; *Ar(r)enus*, *-a* / *A(r)reinus*⁴³.

(38) ENCARNÇÃO, *op. cit.*, 1984, pág. 674, retomada em RAP 194.

(39) BÚA, Carlos, *Estudio lingüístico de la teonimia lusitano-gallega*, «Tesis Doctoral», Universidad de Salamanca, 2000, pág. 515.

(40) VILLAR, Francisco & PEDRERO, Rosa, “Arroyo De La Luz III”, *Palaeohispanica*, 1 (2001), págs. 263, 266; *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002, pág. 199; BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María, “Últimas aportaciones a las religiones de Hispania. Teónimos II”, *Ilur*, 11 (2006), pág. 216; ENCARNÇÃO, José d' & GUERRA, Amílcar, “The current state of research on local deities in Portugal”, em ARENAS-ESTEBAN, Jesús Alberto (ed.), *Celtic Religion across space and time*. Toledo, 2010, pág. 99.

(41) OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos, *Los dioses de la Hispania Céltica*. Madrid, 2002, pág. 64; CARNEIRO, André, “Para uma cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana”, em OLIVEIRA, Francisco *et alii* (eds.), *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas: Vol. 3 História, Arqueologia e Arte*. Coimbra, 2012, pág. 86.

(42) V. VALLEJO RUIZ, José María, *Antroponímia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria / Gasteiz, 2005, págs. 118-121.

(43) Sobre a questão, *Ibidem*, págs. 689-691.

1.6. Ara a um Génio local (Fig. 6)



Fig. 6. Dedicatória ao Génio (J. Aires).

A epígrafe em análise, de descoberta relativamente recente, tem suscitado leituras divergentes, colocando, ao mesmo tempo, uma questão relevante, a dos limites que se devem impor às interpretações que sobre elas se fazem.

Identificada também nas obras realizadas no que é actualmente o edifício do Museu de *Ammaia*, no qual se encontra exposta neste momento. Foi inicialmente publicada por Vasco Mantas⁴⁴, o qual sustentou que a ara era dedicada *Genio Am(m)/ai(en)ci(s)*, proposta que se recolhe como preferencial em alguns repositórios epigráficos (HEpOL 25350). No entanto, como tinha já sublinhado o editor do *Année Epigraphique*, o que se lê na pedra é GENIO MIAICI. Realmente, no plano estritamente epigráfico, nem o nexa AM é sustentável, nem a eliminação de uma letra clara no final da 3.^a linha parece aceitável, nem a

circunstância estranha de uma terminação *-e(n)sis* se representar epigraficamente por AICI. Outra dificuldade reside em compatibilizar o pressuposto de que CI equivale foneticamente a /si/ com uma datação que se aponta para um período precoce da romanização.

Para além disso, colocam-se igualmente problemas de concordância. No que respeita à interpretação de Mantas, não se vislumbra a necessidade de suprir um *-s* final, uma vez que faria mais sentido que *Am(m)ai(en)ci* correspondesse a um derivado do nome do lugar, concordando com o termo *Genio*. No entanto, para além do que o próprio texto epigráfico patenteia, também a própria tradição das dedicatórias ao Génio apoia a opção do *Année Philologique*.

O uso do determinativo é largamente dominante na epigrafia, em particular quando o Génio se associa a nomes de lugar, sem dúvida a situação mais frequente, como se verifica, por exemplo, em exemplos como *Genio Conimbrigae*, *Genio Lacimurgae* ou nos muitos casos de dedicatórias do tipo *Genio oppidi*⁴⁵, *Genio municipi(i)*, *Genio coloniae*, *Genio conventus*, *Genio pagi*, *Genio castelli* ou em que

(44) *Op.cit.*, 2004, págs. 90-92.

(45) Uma das importantes inscrições de Ammaia (IRCP 604) é dedicada precisamente *Genio oppidi constituti*.

essa entidade se liga a um edifício (*Genio baselecae*). Se exceptuarmos as invocações ao *Genio Augusti*, o seu vínculo à protecção de uma pessoa é muito raro⁴⁶.

A epigrafia latina regista igualmente casos, mais invulgares, em que o termo *Genio* vem seguido de um epíteto com o qual concorda. No âmbito hispânico as ocorrências limitam-se ao *Genio Tiauranceaico* (AE 1952, 65) de Estourãos, Ponte de Lima), ao *Genio Laquinie(n)si* (CIL II, 2405) de Vizela; e ao *Genio Viriocolensi* (FE 262), de Vilela, Amares, todas elas provenientes de território bracaraugustano.

Tendo em conta o conjunto de documentação epigráfica da Hispânia, as situações em que ao termo *Genio* se segue um genitivo são muito mais frequentes e, neste caso, a que apresenta também maior verosimilhança. Deste modo, a hipótese mais viável, dentro do que se conhece da realidade lusitana, é interpretar o nome *Miaici* como um genitivo de um derivado em que ocorreria o sufixo *-aico*, tão característico do mundo ocidental hispânico. Deste modo, o texto já proposto em AE 2004, 706, para além de corresponder ao que se lê na pedra, é linguisticamente mais ajustado:

Aleinius / Tongi f(ilius) / Genio Mi/aici ara(m) possit

Aleínio, filho de Tôngio, colocou esta ara ao Génio de Miaico.

2. INSCRIÇÕES DADAS A CONHECER NO ÂMBITO DO PROJECTO

O facto de a antiga cidade de *Ammaia* ter constituído uma constante fonte de matéria prima para a construção, em especial para algumas das mais importantes estruturas da região, conduziu a que muitos monumentos epigráficos se tivessem retirado do sítio. Alguns deles vieram a ser mesmo atribuídos a outras localidades, como a inscrição CIL II, 158, aparecida em Portalegre, e que, por se referir nela o *municipium Ammaiense*, teve como consequência a hipótese, colocada por Hübner⁴⁷, de identificar esta cidade alentejana com a sede da comunidade cívica atestada nessa epígrafe, em alternativa à sua localização em Aramenha. O dilema foi mais tarde resolvido de forma categórica⁴⁸, mas a sorte que tiveram os monumentos inscritos desse núcleo urbano foi muito distinta. Num processo naturalmente complexo, dispersaram-se de tal modo, que não será fácil estabelecer quais deles deveriam ser daí originários.

Porque essa espoliação da cidade romana dos seus principais elementos construtivos foi bastante profunda, não poderia garantir-se que as escavações viessem a identificar novos vestígios epigráficos. No entanto, era natural que restassem ainda alguns elementos dessa natureza, como veio a constatar-se nos trabalhos de campo dos últimos anos, trazendo-se deste modo ao nosso conhecimento alguns monumentos inéditos, em vias de publicação no *Ficheiro Epigráfico*.

Para além disso, a equipa de investigação deu continuidade à recolha de elementos arqueológicos dispersos, em particular uma ara cuja existência já era conhecida, mas

(46) Em contexto hispânico, um dos raros exemplos encontra-se na evocação *Genio M(arci) Carisi* (HEp 1997, 1104; AE 2002, 805), de Tarazona (Z), a antiga *Turiaso*.

(47) CIL II, p. 20-21.

(48) VASCONCELOS, José Leite de, "Localização da cidade de Ammaia", *Ethnos*, 1 (1935) págs. 5-9.

que não fora ainda possível retirar do local em que tinha sido integrada, permitindo, desta forma, o seu estudo.

No seu conjunto estas acções contribuíram com cinco novos registos, todos eles atribuíveis ao próprio núcleo urbano de *Ammaia*, enriquecendo assim, de modo significativo, o seu repositório epigráfico e adicionando informação relevante para a compreensão do processo de desenvolvimento da comunidade amaiense.

2.1. Pedestal dedicado a Mercúrio Augusto

Um dos mais significativos achados epigráficos recentemente identificados na *Ammaia* foi descoberto no decurso da campanha de 2014, na escavação do Sector D, Sondagem 3. Estes trabalhos, que visavam compreender o espaço que medeia entre a parte posterior do templo e o pórtico que delimitava a área do *forum* pelo lado norte, tinham já posto a descoberto alguns elementos do *podium*. Entre estes destacava-se a primeira linha de silhares dessa estrutura, que se tinha preservado integralmente, e um dos elementos da moldura que assenta sobre ela e que se conservava no lugar primitivo, constituindo o único vestígio remanescente da segunda fiada de silhares. Ao proceder-se à retirada da UE 3040, um estrato de abandono dos edifícios forenses, encontrou-se este monumento adossado aos blocos da base do *podium*, em posição quase horizontal e com a face onde foi aposta a inscrição voltada para baixo. Aparentemente o bloco de mármore, que se veio a verificar corresponder a um pedestal, encontrava-se na base desse estrato, dando a ideia de que a sua deposição teria ocorrido num momento inicial do abandono deste espaço. Registou-se ainda a circunstância particular de o monumento estar alinhado com o único elemento da



Fig. 7. O contexto arqueológico do pedestal dedicado a Mercúrio Augusto (A. Guerra)

moldura inferior do *podium* conservado na sua posição, o qual, por sua vez, se situava no eixo desse edifício público.

O monumento⁴⁹ corresponde, como se disse, a pequeno pedestal de estátua⁵⁰, em mármore branco, presumivelmente originário das pedreiras romanas que exploraram o anticlinal de Estremoz-Vila Viçosa⁵¹. Ao contrário do que acontece muitas vezes no sítio, onde os elementos de mármore apresentam com frequência superfícies muito deterioradas em consequência das condições de conservação pouco propícias e da natureza dos solos, este monumento encontrava-se genericamente bem preservado, apresentando arestas muito vivas, sendo visíveis apenas ligeiras escoriações na moldura superior e na base.

O trabalho oficinal patenteia um cuidado alisamento de quase toda a sua superfície, exceptuando as faces superior e posterior. Esta última foi toda ela aplainada, sendo visíveis as marcas do pico no desbaste da sua superfície. A parte superior apresenta três concavidades: uma pequena e central com vestígios de chumbo e duas laterais, destinadas à fixação da base dos pés da estátua, sendo a que corresponde ao pé direito orientada perpendicularmente à linha frontal do monumento e a que corresponde ao pé esquerdo oblíqua. Não é difícil concluir que essas áreas rebaixadas correspondem a uma estátua na sua posição canónica em que o pé de apoio se encontra alinhado e o outro, correspondendo a flexão da perna que confere uma ideia de movimento à estátua, se inclina claramente para fora. Para além destas, identifica-se uma pequena ranhura alongada, no topo, na área frontal do bloco.

Uma das peculiaridades deste monumento reside no significativo contraste entre a qualidade geral do monumento, que se evidencia em alguns aspectos como o suporte, o trabalho cuidado na elaboração do pedestal, e a forma descuidada com que se gravou o texto: parece não ter existido uma verdadeira paginação prévia do texto; não se definiram com precisão linhas e dos espaços interlineares; e o *ductus* é manifestamente irregular, pouco compatível com o que se esperava de oficinas exigentes que eram encarregadas de elaborar monumentos de natureza pública. Essa irregularidade pode igualmente transparecer no facto de em alguns caracteres se notar a preocupação com o desenho de um remate alongado, descrevendo por vezes, uma ligeira ondulação na parte terminal. Para além disso, uma falta de uniformidade evidencia-se nos elementos que assinalam o princípio e fim de cada linha, constituídos por uma gravação em forma de Y muito aberto, cujo traçado se revela muito variado.

O texto é o seguinte: *Mercurio / Aug(usto) / sacrum*

Tradução: Consagrado a Mercúrio Augusto.

(49) Após a sua recolha, a peça, com o número de inventário MAMM 140205, foi objecto de limpeza e tratamento pela encarregada do laboratório da Fundação, Carina Maurício.

(50) As suas medidas máximas são as seguintes: Alt. 48; larg. 35; prof. 25,5

(51) Trata-se apenas de uma conjectura, não confirmada por qualquer análise, baseada na ampla difusão dos mármoreis dai originários, em particular nesta área da província, e nesta cidade em particular. Tenha-se em conta a investigação interior sobre este tema, onde se conclui esta deverá ser a proveniência do mármore branco e cinzento já presente em *Ammaia* (TAELMAN, Devi, "Contribution to the use of marble in Central-Lusitania in Roman times: The stone architectural decoration of Ammaia (São Salvador da Aramenha, Portugal)". *Archivo Español de Arqueología*, 87 (2014), págs. 175-194, esp. pág. 188.



Fig. 8. Pedestal de Mercúrio Augusto (J. Aires)

Apesar das dificuldades em determinar o espaço concreto que ocupava primitivamente, creio não ser aventuroso considerar a sua associação ao templo do *forum*, junto do qual se encontrava. Esta circunstância é coerente com o facto de a inscrição corresponder a uma dedicatória a uma divindade com um epíteto de *augusta*, o que a associaria às realidades de culto imperial, de natureza essencialmente pública e, portanto, relacionadas preferencialmente com aquele mesmo espaço e em particular com esse edifício.

Por outro lado, dá-se a circunstância de este ser o único caso na Hispânia em que a epígrafe se resume à identificação do deus⁵², omitindo-se a pessoa ou entidade promotora do voto, o que confere ao monumento um

carácter particular. Esta especificidade manifesta-se igualmente na sua natureza, não se tratando de uma ara, mas de um pedestal de estátua. Como primeira hipótese, é natural sugerir-se que esta representasse a própria divindade e que, portanto, constituiria um elemento excepcional do espaço forense. Por todas estas razões, poderia considerar-se a possibilidade de este ser uma peça central de um culto a Mercúrio em lugar público, que tinha a sua imagem no templo do *forum* amaiense.

No que concerne à Hispânia, as invocações a Mercúrio Augusto registam-se em meia dúzia de exemplares, na Bética como na Hispânia Citerior, por regra originários de contextos urbanos: *Hispalis*, *Italica*, *Utrera*, *Basilippo*, *Munigua*, *Oripo* na Bética; *Saguntum*, *Iluro*, *Uxama Argaela*, *Dertosa*, *Segobriga* e no lugar onde se encontrava estacionada a *Legio VII*.

No que respeita à Lusitânia, os achados de *Ammaia* vêm introduzir algumas alterações no panorama conhecido⁵³. Os vestígios relativos ao culto de Mercúrio Augusto em âmbito provincial envolvem alguns monumentos que merecem uma análise crítica. Em *Olisipo*, de onde provêm duas das três inscrições em que ele se atestaria, nem tudo é claro. Uma das epígrafes, que continua inserida na parede de um edifício da Travessa do Almada, apresenta um texto fragmentário, no qual se

(52) Esta situação ocorre, todavia, em outras parte do império, em especial em África.

(53) Quando este artigo já se encontrava na sua fase terminal foi identificada uma árua, também com uma dedicatória a Mercúrio Augusto, mas desta vez associada a um voto *pro salute* de um privado.

procurou ver a sequência *Mercur[io Augusto] / Caesa[ris] / August[i]*⁵⁴, mas esta interpretação não é consensual e é melhor excluí-la do âmbito destas dedicatórias⁵⁵.

Uma outra invocação, registada num monumento associado a um contexto de águas salutíferas⁵⁶, assume uma configuração de todo particular: *Mercurio Augustor(um) Aquaeco*. Por um lado, este caso apresenta uma formulação em que o teónimo é seguido de um determinativo; por outro, vem seguido do epíteto de inconfundível marca local, que pode ser interpretada como o topónimo *Aquae*, seguido de um sufixo *-aico*, típico do mundo ocidental hispânico. Por tudo isto, a inscrição das termas de S. Pedro do Sul não corresponde ao modelo habitual das invocações e Mercúrio Augusto. O carácter distinto manifesta-se igualmente na natureza privada do voto, explicitando-se que se concretiza por iniciativa dos pais, em honra de *[.] Magius Saturninus*.

Se tivermos em conta que já se conhecia, na vizinha localidade de Valencia de Alcántara, uma invocação a Mercúrio⁵⁷, a que se juntam as duas epígrafes que agora se identificaram, o panorama do culto a esta divindade em território amaiense ganha uma considerável expressão, particularmente relevante no contexto da Península Ibérica.

Coloca-se também o problema da datação desta iniciativa. As reservas que considerações de natureza cronológica devem merecer, quando não baseadas em critérios seguros de atribuição cronológica, são neste caso acentuadas pela circunstância de o *ductus* ser particularmente irregular, pouco compatível com a qualidade do suporte e pelo facto de se tratar de um pedestal de estátua. Poder-se-ia admitir, mas com um considerável nível de especulação, que essa irregularidade paleográfica poderia ser um sintoma de uma datação avançada, não anterior a meados do séc. II d. C., o que não seria incompatível com os dados de natureza arqueológica ou epigráfica.

2.2. Placa de mármore inscrita, proveniente de *Ammaia*

No ano de 2013 iniciou-se uma intervenção arqueológica do lado exterior da Porta Sul da cidade romana de *Ammaia*, destinada a obter elementos que permitissem compreender essa estrutura e, ao mesmo tempo, servir de orientação aos trabalhos de restauro aí levados a cabo posteriormente. A inscrição foi identificada precisamente no decurso dos trabalhos aí realizados no mês de Setembro desse ano, concretamente no dia 14, ao escavar-se a unidade estratigráfica 3014.

Apesar de a peça se ter encontrado em contexto de escavação, não pode garantir-se qualquer relação entre o fragmento da placa com inscrição e essa estrutura. No

(54) SANTOS, Cézer, “Mercurius e o seu culto em território olisiponense”, *O Arqueólogo Português*, série V, 1 (2011), p. 535, n. 2.

(55) Hübner (CIL II 180) tinha sugerido *Mercur[io pro salute] / Caesar[is] / August[i]*, seguida por EO 27; BARATTA, Giulia, *Il culto di Mercurio nella Penisola Iberica*. Barcelona, 2001, págs. 56-57; MOYA MALENO, Pedro R., “Mercurio en la epigrafía hispanorromana: el ara votiva de *Laminium* (Alhambra, Ciudad Real)”, *Revista de Estudios del Campo de Montiel*, 1 (2009), pág. 111, n. 16; em RAP optou-se por *Mercur[io] / Caesar[is] / August[i]*.

(56) RAP 228; HEP 4, 1994, 1101.

(57) CIL II 730 - *Monianus / Pelcini f(ilius) / Mercuri/o v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*.



Fig. 9. Fragmento de placa de mármore inscrita no seu contexto arqueológico (Fundação Cidade de Ammaia).

plano arqueológico, poderia igualmente considerar-se uma ligação entre o achado e a necrópole romana que se desenvolveria do lado exterior da muralha, situada nas proximidades do achado, mas também essa associação é incerta.

A inscrição encontra-se aposta numa placa fina de mármore branco⁵⁸, de que se conserva apenas uma pequena parte correspondente ao canto superior esquerdo. Enquanto o limite superior da placa tinha originalmente um aspecto plano, hoje esboroadado do lado da superfície epigrafada, o lateral foi desbastado sistematicamente, de forma a obter uma inclinação para a face anterior. Como acontece com frequência com os elementos arquitectónicos e epigráficos de *Ammaia* que utilizam esse suporte, a peça foi afectada pela acidez do terreno, apresentando superfícies deterioradas e com arestas algo desgastadas. Todavia, essa circunstância não produziu uma alteração substancial no monumento, sendo possível reconhecer que se trata de um trabalho oficial de muito boa qualidade, pelo que a sua leitura se faz sem qualquer dificuldade.

Te[—] / C[—]

Infelizmente não subsiste qualquer indício que permita propor uma interpretação consistente desta inscrição. Naturalmente, a proximidade da porta da cidade e o seu aparecimento na área exterior da muralha, poderia apoiar mais a ideia de que se trataria de uma inscrição funerária, pertencente a alguns dos mausoléus cuja

(58) As suas medidas máximas são as seguintes: alt. (25,2); larg. (17,7); esp. 2.

existência se poderia presumir, dado o contexto. Se esta hipótese se confirmasse, então a eventualidade de o nome de uma *Te(rentia)* ocorrer na primeira linha poderia ter alguma viabilidade. No entanto, é preciso ter em conta que esta ilação resulta de uma sequência de pressupostos que não é possível confirmar.

2.3. Árula anepígrafa proveniente do *forum* de *Ammaia*

No decurso da escavação da área que se situa a poente do templo do *forum*, muito próximo do seu *podium*, foi identificada a parte superior de uma árula de mármore⁵⁹. Esta encontrava-se depositada na UE 3090, uma camada caracterizada por uma grande aglomeração de material cerâmico de construção, correspondente aparentemente a uma fase de derrubes da estrutura desse edifício público. À semelhança do que acontece com alguma frequência neste sítio arqueológico, a peça (com o nº de inventário AMM-14335), apesar da qualidade do seu suporte, o mármore branco, revelava uma superfície bastante deteriorada, com as arestas muito desgastadas⁶⁰.



Fig. 10. Árula anepígrafa (J. Aires)

A árula não apresenta vestígios de inscrição, mas no espaço correspondente ao campo epigráfico apresenta uma decoração constituída por 2 elementos radiais concêntricos de sete pontas (o exterior tem uma dimensão máxima de 5 cm), que envolvem um pequeno elemento circular no centro. É possível que este elemento decorativo seja a justificação para não apresentar epígrafe, seja por nunca ter sido gravada; seja por se encontrar na parte inferior desse elemento decorativo.

De resto, a árula corresponde bem ao paradigma deste tipo de vestígios: o fastígio é constituído por dois elementos circulares, imitando toros; desenvolvendo-se entre eles um elemento de configuração vagamente triangular. Apresenta, contudo, a particularidade de, no vértice deste último, se encontrar inserido um espigão de ferro de secção quadrangular, evolvido por um anel de chumbo. Este destinava-se à fixação do espigão, o qual, por sua vez, deveria ser o remanescente de um elemento de natureza figurativa, que sobressaía no topo da árula. Faltando este, que poderia esclarecer o significado de todo o conjunto, não parece haver dados que permitam interpretar este achado. De qualquer modo, a sua natureza e o lugar em que apareceu permitem defini-lo como um objecto cultural ligado com o templo do *forum*.

(59) As suas dimensões máximas são as seguintes: alt. (18); larg. 16; esp. 4,8.

(60) A peça foi submetida a tratamento laboratorial de estabilização executado por Carina Maurício.

2.4. Ara a Júpiter Óptimo Máximo⁶¹



Fig. 11. Ara a Júpiter Óptimo Máximo (J. Aires)

A existência desta ara era conhecida, tendo o monumento sido registado, há alguns anos, por Jorge de Oliveira, na estrutura de um moinho situado nas margens do rio Sever, em Salvador de Aramenha. Dado que se tratava de um bloco granítico de consideráveis dimensões⁶², tinha sido integrado nessa estrutura, constituindo uma parte do arco sob o qual corriam as águas que accionavam o engenho. O dito moinho situa-se a cerca de 600 m dos limites da cidade romana, sendo possível conjecturar que a ara fosse proveniente da cidade romana, a principal abastecedora de materiais de construção de edifícios próximos.

Uma das características mais marcantes do monumento tem que ver com a sua dimensão, tendo em conta que o suporte da inscrição é um bloco de granito. Este material, abundante na região, é também o mais usado nos trabalhos de epigrafia, mas, de uma forma geral, os vestígios similares apresentam mais reduzidas dimensões.

O bloco de granito pode definir-se como uma ara, tendo em consideração os elementos que habitualmente correspondem a esta tipologia de restos epigráficos, ainda que careça de *foculus*. De facto, a parte superior do monumento é constituída por uma ampla superfície aplainada, ladeada por duas protuberâncias laterais, de forma cilíndrica que correspondem a toros de configuração simplificada. Estas particularidades da cornija repetem-se em alguns monumentos similares, podendo apontar-se como uma solução frequente nos monumentos epigráficos de *Ammaia*, mas tendo como paralelos exactos os votos de *Aleinius* a um Génio local⁶³ ou de *Iulia Saturisca* a *Ocrimira*⁶⁴. De resto, a base, as molduras e o fuste correspondem bem ao paradigma mais geral das aras.

No estado actual de conservação da pedra, torna-se muito difícil, mesmo com especiais condições de observação, fazer a leitura do texto epigráfico. Esta circunstância resulta das circunstâncias em que se manteve o bloco, cuja face

(61) O monumento encontra-se em vias de publicação no FE.

(62) Dimensões máximas em cm: alt. 102; larg. 53; prof. 39.

(63) V. *supra* 1.6.

(64) IRCP 610; RAP 177.

epigrafada foi longamente exposta à passagem da água, tendo provocado uma forte erosão da superfície epigrafada, a ponto de, numa primeira observação, parecer um monumento anepígrafo. A observação com luz rasante permite identificar apenas alguns caracteres, mas só o recurso ao MRM (modelo de resíduo morfológico)⁶⁵ permitiu uma leitura parcial do texto e a sua interpretação, facilitada pela natureza da invocação:

[Io]ui Opti/[m]o Max(imo) / — / — / — / — / (c. 1-2) a(nimo) l(ibens) u(otum) s(oluit)

Trad.: (—) de bom grado pagou a sua promessa a Júpiter Ótimo Máximo.

Tendo em conta a extensão do campo epigráfico e a dimensão dos caracteres que se conservaram, é provável que a inscrição se distribuisse por seis linhas, aparentemente preenchidas em toda a sua extensão. Considerando a estrutura destes textos votivos, as linhas cuja leitura não foi possível determinar conteriam a identificação do dedicante.

Trata-se, pois, de mais uma dedicatória a Júpiter, a divindade mais representada em todo o repositório votivo hispânico, registando-se aqui com os habituais qualificativos de *Optimus* e *Maximus*, também esta uma das particularidades mais frequentes do culto a essa divindade, em particular no contexto da Hispânia romana⁶⁶.

Invocações similares encontram-se, de resto, já bem atestadas na cidade de *Ammaia*, duas delas bem conhecidas dedicatórias de libertos⁶⁷, em que, tanto eles como os seus patronos, se apresentam com nome único. Outras duas epígrafes constituem votos dirigidos a essa divindade suprema por indivíduos que ostentam uma onomástica tipicamente romana, denunciando a sua profunda integração num ambiente cultural de cariz itálico⁶⁸. Em todos estes casos estamos perante dedicatórias no âmbito de um culto promovido por privados,

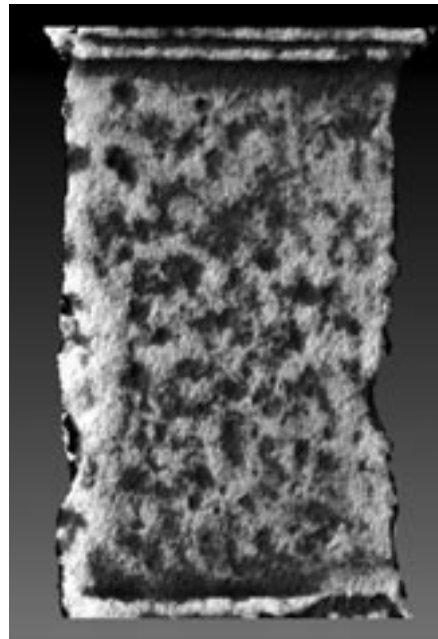


Fig. 12. MRM em tons de cinzento da ara a Júpiter (H. Pires)

(65) Consideramos que este exemplo constitui um dos casos em que as suas potencialidades deste modelo desenvolvido por Hugo Pires, a quem de novo agradecemos, mais claramente se manifestam, sendo possível ler com alguma segurança, uma gravação virtualmente apagada.

(66) Estes qualificativos dominam claramente o panorama das dedicatórias ao deus supremo dos romanos, constatando-se que, no mais recente levantamento epigráfico pertinente ao tema (MONEO CRESPO, Aitor, *Entre religión y poder: El culto a Júpiter en Hispania*, «Tesis Doctoral», Universidad del País Vasco, 2016, p. 58 disponível em https://addi.ehu.es/bitstream/handle/10810/24887/TESIS_MONEO_CRESPO_AITOR_%20%28I%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y consultado em 12 de Setembro de 2018), 321 das 459 inscrições respeitantes a esta divindade correspondiam a essa invocação.

(67) JALHAY, Eugénio, *op. cit.*, 1947, p. 620-621; AE 1950, 212; IRCP 607; MANTAS, Vasco G., *op. cit.*, 2002, n. 1, págs. 52-54 - *Iovi / sacrum / Faustus / Bassi lib(ertus) / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(oluit)*; JALHAY, Eugénio, *op. cit.*, 1947, p. 618-619; AE 1950, 210; IRCP 608; MANTAS, Vasco G., *op. cit.*, n. 2, p. 54-55 - *Iovi O(ptimo) / M(aximo) Fusca / Vituli lib(erta) / a(nimo) l(ibens) s(oluit)*.

(68) V. *supra* nn. 1.1 e 1.2.

hipótese que se revela a mais viável também neste novo achado. Todavia, perante a incerteza relativamente a uma boa parte do texto epigráfico, não deve afastar-se liminarmente a possibilidade de se tratar de um monumento mandado colocar por uma colectividade.

O facto de a invocação de Júpiter Ótimo Máximo ter uma especial difusão no Ocidente hispânico e em particular no Noroeste suscitou a hipótese de nela se verificar um fenómeno de *interpretatio* ou de sincretismo com uma divindade local⁶⁹, o que deu lugar a uma larga discussão em torno da natureza deste culto.

Trata-se, enfim, de mais uma das várias dedicatórias a Júpiter Ótimo Máximo, tão bem documentadas no território amaiense, sendo a mais monumental de todas elas, e confirmando, deste modo, o forte impacto que a religiosidade de matriz itálica, em especial a do seu mais alto representante, assumiu nesta comunidade. Dispomos, portanto, já de cinco monumentos com a mesma invocação na cidade romana de Ammaia, constituindo-se como uma das comunidades cívicas da Lusitânia que mais atestações regista. A este facto não é estranha a circunstância de essa região, próxima da capital da província, ter com esta uma estreita relação e apresentar fortes indícios de que a sua população se integrou facilmente no espaço cultural globalizado dominado por Roma.

Constata-se, pois, que a investigação arqueológica em torno de *Ammaia* tem dado um contributo para a valorização do conjunto epigráfico dessa cidade romana. Neste domínio, sobressai o grupo de achados da área do *forum*, em particular os dois monumentos que atestam o culto de Mercúrio Augusto, pela primeira vez aí atestado. Embora já se conhecesse uma epígrafe a Mercúrio na região, ganham agora um especial significado esses vestígios que atestam a importância dessa entidade divina para a comunidade em geral e para alguns indivíduos em particular.

Por outro lado, consolida-se a ideia de que a tarefa de revisão das epígrafes continua a ser uma missão essencial do epigrafista e que o facto existirem actualmente novos recursos alarga consideravelmente a possibilidade de se obterem repositórios cada vez mais completos e mais fiáveis.

Abreviaturas:

AE = *Année Epigraphique*, Paris, 1888-

CIL = *Corpus inscriptionum Latinarum*. Berlin.

CIRPBu = ORTIZ DE ZÁRATE, Santos Crespo; ALONSO ÁVILA, Ángeles, *Corpus de inscripciones romanas de la provincia de Burgos: fuentes epigráficas para la historia social de Hispania romana*. Valladolid, 2000.

(69) VASCONCELLOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia, vol. III*, Lisboa, 1913, págs. 226-228; LE ROUX, Patrick & TRANOY, Alain, "Rome et les indigènes dans le NO de la Peninsule Iberique: problèmes d'épigraphie et d'histoire", *Mélanges de la Casa de Velazquez*, 9 (1973), págs. 218-222; TRANOY, Alain, *La Galice romaine: recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981, pág. 318; VÁZQUEZ HOYS, Ana María, "El culto a Júpiter en Hispania". *Cuadernos de Filología Clásica*, 18 (1983-1984), págs. 112-113; LE ROUX, Patrick, "Cultos y religión en el noroeste de la Península Ibérica en el Alto Imperio romano: nuevas perspectivas", *Veleia*, 26 (2009), págs. 276-277; OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos, "El culto a Júpiter, deidades autóctonas y el proceso de interacción religiosa en la Céltica hispana", *Gerión*, 27 (2009), págs. 332-333.

- CPIL = HURTADO DE SAN ANTONIO, Ricardo, *Corpus provincial de inscripciones latinas de Cáceres*. Cáceres, 1977.
- EDCS = Epigraphische Datenbank Clauss – Slaby, http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php
- EO = SILVA, Augusto Vieira da, *Epigrafia de Olisipo: Subsídios para a História da Lisboa romana*. Lisboa, 1944.
- ERClu = PALOL, Pedro de; VILELL, José, *Clunia, II. La Epigrafia de Clunia*. Madrid, 1987.
- ERPSo = JIMENO, Alfredo, *Epigrafia romana en la provincia de Soria*, Soria, 1980.
- FE = *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 1982-
- HEp = *Hispania Epigraphica*, Madrid, 1989-
- HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*, <http://eda-bea.es/>
- ILER = VIVES, José, *Inscripciones latinas de la España romana*. Barcelona, 1971-1972.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra, 1984.
- PIR² = GROAG, E. et alii (eds.), *Prosopographia Imperii Romani saec. I, II, III*. Berlin, 1931-2015.
- RAP = GARCIA, José Manuel, *Religiões antigas de Portugal*. Lisboa, 1991.
- RE – PAULY, August et alii (eds.), *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart, 1894–

Referências Bibliográficas:

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel & GIMENO PASCUAL, Helena, *Epigrafia Hispánica. Real Academia de la Historia: Catálogos del Gabinete de Antigüedades*. Madrid, 2000
- ALFÖLDY, Geza, *Fasti Hispanienses*. Wiesbaden, 1969.
- BARATTA, Giulia, *Il culto di Mercurio nella Penisola Iberica*. Barcelona, 2001.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María, “Últimas aportaciones a las religiones de Hispania. Teónimos II”, *Ilur* 11 (2006), págs. 205-235.
- BÚA, Carlos, *Estudio lingüístico de la teonimia lusitano-gallega*, «Tesis Doctoral», Universidad de Salamanca, 2000.
- CADIOU, François & NAVARRO CABALLERO, Milagros, “Les origines d’une présence italienne en Lusitanie”, GORGES, J. & G.; NOGALES, T. (eds.), *Naissance de la Lusitanie romaine. VII Table Ronde Internationale*. Toulouse – Mérida, 2010, págs. 253-292.
- CARNEIRO, André, “Para uma cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana”, em OLIVEIRA, Francisco et alii (eds.), *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas: Vol.3 História, Arqueologia e Arte*. Coimbra, 2012, págs. 81-97.
- CHELOTTI, Marcella (2000) – I sacerdoti nella *Regio Secunda Augustea*: il flaminato. In: CEBEILLAC-GERVASONI, Mireille (ed.), *Les élites municipales de l’Italie péninsulaire de la mort de César à la mort de Domitien entre continuité et rupture*. Roma, págs. 121-135.
- ENCARNAÇÃO, José d’, “A religião romana não-oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Império”, *Memórias de História Antigua*, 5 (1981), págs. 19-31.

- ENCARNAÇÃO, José d', *Nisa ao tempo dos romanos: a população e as suas crenças*. Nisa, 1988.
- ENCARNAÇÃO, José d', "Das inscrições em foros da Lusitânia Ocidental", em NOGALES BASARRATE, T. ed., *Ciudad y foro en Lusitania Romana*. Mérida, 2009, pág. 121-126.
- ENCARNAÇÃO, José d', GUERRA, Amílcar, "The current state of research on local deities in Portugal", em ARENAS-ESTEBAN, Jesús Alberto, *Celtic Religion across space and time: fontes epigraphici religionvm celticarvm antiqvarvm. Molina de Aragón*. Toledo, 2010, págs. 94-112.
- GUERRA, Amílcar, *Os contrastes sociais e culturais numa cidade romana provincial: um olhar sobre as inscrições de Ammaia*. Marvão, 2018.
- HÜBNER, Emil, "Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal", *Monatsberichten der Königlich Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, August 1861, págs. 16-113.
- HÜBNER, Emil, *Notícias Archeologicas de Portugal*. Lisboa, 1871.
- JALHAY, Eugénio, "Epigrafia amaiense: Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão)", *Brotéria*, 45 (1947), págs. 615-633.
- JORDÃO, Levy Maria, *Portugalliae inscriptiones romanas*. Lisboa, 1859.
- LE ROUX, Patrick, "Cultos y religión en el noroeste de la Península Ibérica en el Alto Imperio romano: Nuevas perspectivas", *Veleia*, 26 (2009), págs. 265-285.
- LE ROUX, Patrick & TRANOY, Alain, "Rome et les indigènes dans le NO de la Péninsule Ibérique: Problèmes d'épigraphie et d'histoire", *Mélanges de la Casa de Velazquez*, 9 (1973), págs. 177-231.
- MANTAS, Vasco G., "A sociedade luso-romana do município de Ammaia", Em *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*. Mérida, 2000, págs. 391-420.
- MANTAS, Vasco G., "Libertos e Escravos na Cidade Luso-Romana de Ammaia", *Ibn Maruán*, 12 (2002), págs. 49-68.
- MANTAS, Vasco G., "Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão)", *Au Jardin des Hespérides: Mélanges offerts à Alain Tranoy*. Poitiers, 2004, págs. 87-105.
- MONEO CRESPO, Aitor, *Entre religión y poder: El culto a Júpiter en Hispania*, «Tesis Doctoral», Universidad del País Vasco, 2016, disponível em https://addi.ehu.es/bitstream/handle/10810/24887/ TESIS_MONEO_CRESPO_AITOR20%28I%29.pdf?sequence=1 &isAllowed=y
- MOYA MALENO, Pedro R., "Mercurio en la epigrafía hispanorromana: el ara votiva de *Laminium* (Alhambra, Ciudad Real)", *Revista de Estudios del Campo de Montiel*, 1 (2009), págs. 101-124.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros (2000) – "Notas sobre algunos gentilicios romanos de Lusitania: una propuesta metodológica acerca de la emigración itálica", em GORGES, Jean-Gérard.; NOGALES BASARATE, Trinidad (eds.), *Sociedad y cultura en Lusitania romana, IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida, págs. 281-297.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros, "L'émigration italique dans la Lusitanie côtière: une approche onomastique", em CABALLOS RUFINO, Antonio; DEMOUGIN, Stéphanie, *Migrare: Formation des élites dans l'Hispanie romaine*. Bordeaux, págs. 69-100.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros, "Grupo, cultura y territorio: referencias onomásticas «identitarias» de los celtíberos y de los restantes pueblos del norte de

- la Citerior”, em CABALLOS RUFINO, Antonio; LEFEBVRE, Sabine (eds.), *Roma generadora de identidades: la experiencia hispana*. Madrid, 2011, págs. 107-140.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros, “Las sacerdotisas hispanas y el matrimonio: una nueva propuesta para un debate antiguo”, *Salduie*, 13-14 (2013-14), págs. 151-168.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos, *Los dioses de la Hispania Céltica*. Madrid, 2002
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos, “El culto a Júpiter, deidades autóctonas y el proceso de interacción religiosa en la céltica hispana”, *Gerión* 27 (2009), págs. 331-360.
- PEREIRA, Gonçalo, “Ammaia”, *National Geographic*, Julho 2015, págs. 80-88.
- PIRES, Hugo; FONTE, João; GONÇALVES-SECO, Luis; SANTOS, Maria João Correia; SOUSA, Orlando, “Morphological Residual Model: A New Tool For Enhancing Epigraphic Reading of Highly Eroded Surfaces”, em ORLANDI, Silvia, SANTUCCI, Raffaella, CASAROSA, Vittorey LIUZZO, Pietro Maria (eds.), *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage: Proceedings of the First EAGLE International Conference*. Roma, 2014, págs. 133-144.
- RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel E., “Epigrafía latina y relaciones de parentesco en la región celtibérica: Nuevas propuestas”, em *Epigrafía sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: Estructuras y relaciones sociales*. Madrid, 2003, págs. 13-32.
- SALINAS DE FRÍAS, Manuel; RODRÍGUEZ CORTÉS, Juana, “Prosopografía de Lusitania romana: *Flaminicae et feminae notabiles Lusitaniae*”, *Conimbriga*, 55 (2016), págs. 221-250.
- SALOMIES, Olli, *Adoptive and polyonymous nomenclature in the Roman Empire*. Helsinki, 1992.
- SANTOS, Cézer, “Mercurius e o seu culto em território olisiponense”, *O Arqueólogo Português*, série V, 1 (2011), págs. 525-541.
- Taelman, Devi, “Contribution to the use of marble in Central-Lusitania in Roman times: The stone architectural decoration of Ammaia (São Salvador da Aramenha, Portugal)”, *Archivo Español de Arqueología*, 87 (2014), págs. 175-194
- TRANOY, Alain, *La Galice romaine: recherches sur le nord-ouest de la péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris, 1981.
- VALLEJO RUIZ, José María– *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria / Gasteiz, 2005.
- VASCONCELLOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia, vol. III*. Lisboa, 1913.
- VASCONCELLOS, José Leite de, “Localização da cidade de Ammaia”, *Ethnos*, 1 (1935), págs. 5-9.
- VÁZQUEZ HOYS, Ana María, “El culto a Júpiter en Hispania”, *Cuadernos de Filología Clásica*, 18 (1983), págs. 83-216.
- VILLAR, Francisco; PEDRERO, Rosa, “Arroyo De La Luz III”, *Palaeohispanica*, 1 (2001), págs. 235-274.
- XARO, Manuel da Gama, “Inscrição 2.^a”, *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, 1 (1850), págs. 9-11.